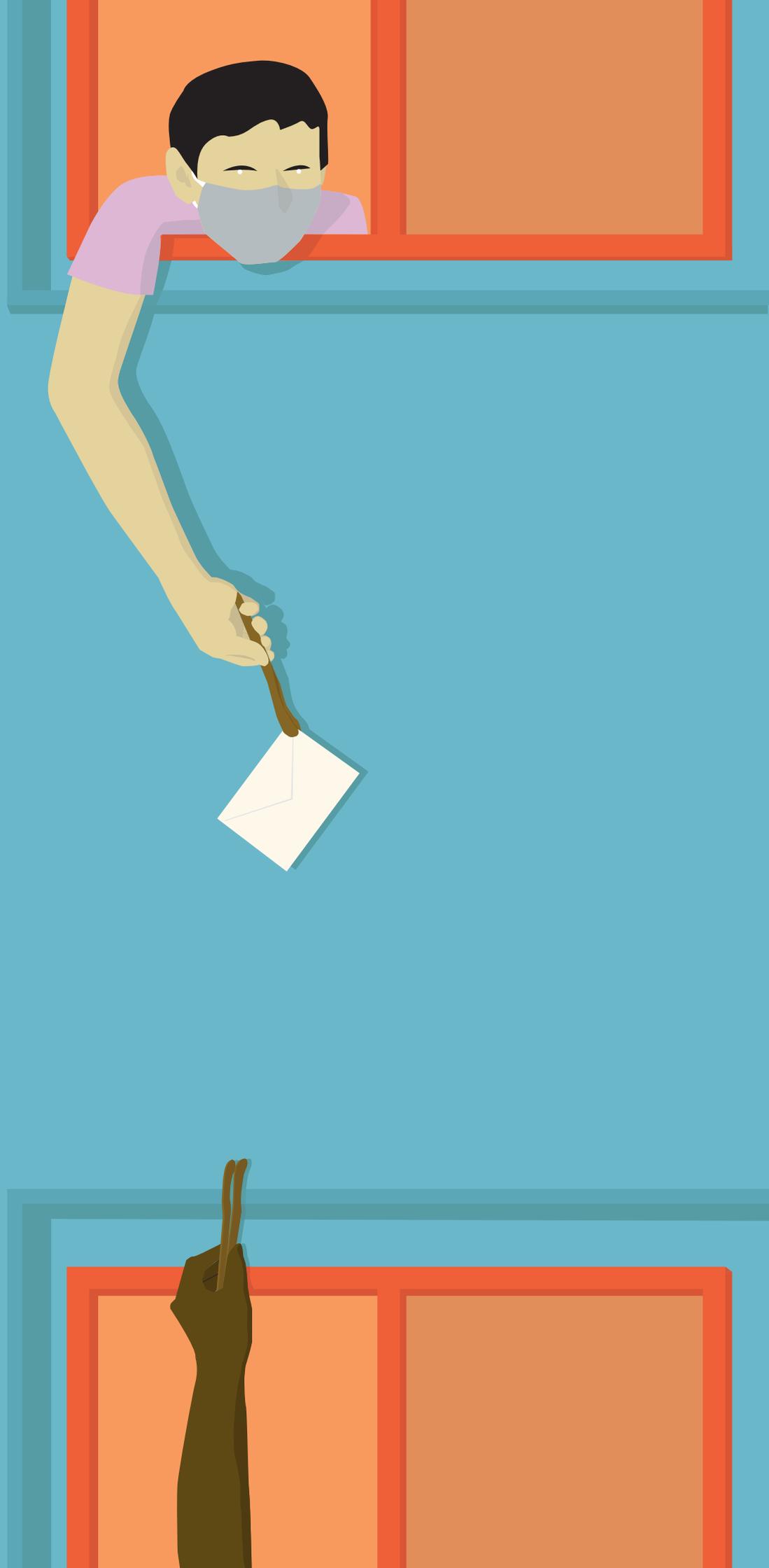


NA TOGA #1





NA TOCA

Zine coletivo

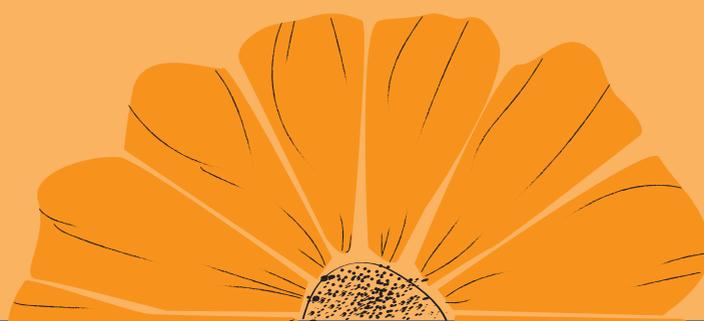
Primeira edição publicada em 2020

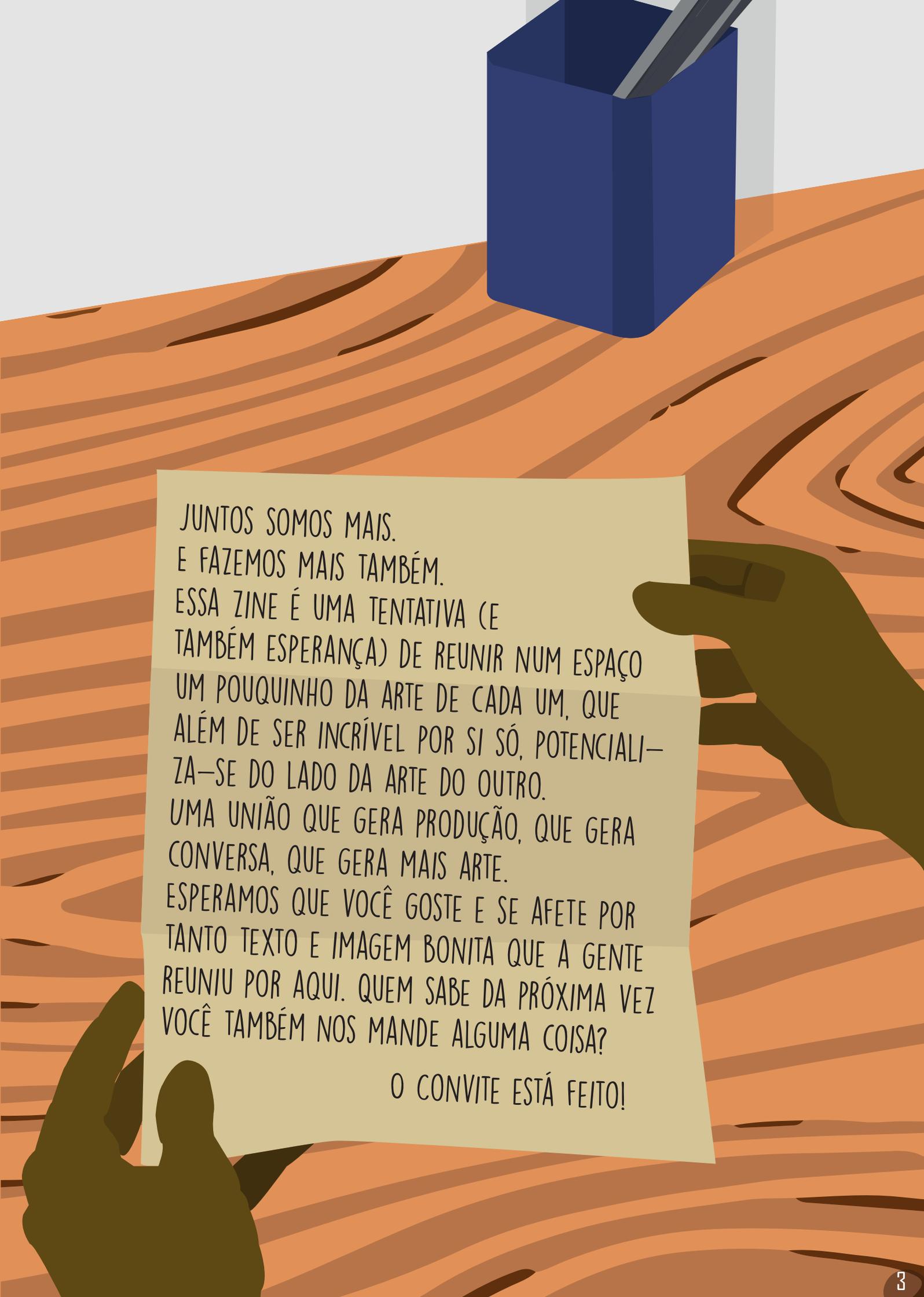
Curadoria por LeviS Porto
Editorial por Studio Brecha
Capa por Studio Brecha
Ilustrações por Studio Brecha

Publicação sem fins lucrativos

www.natoca.site

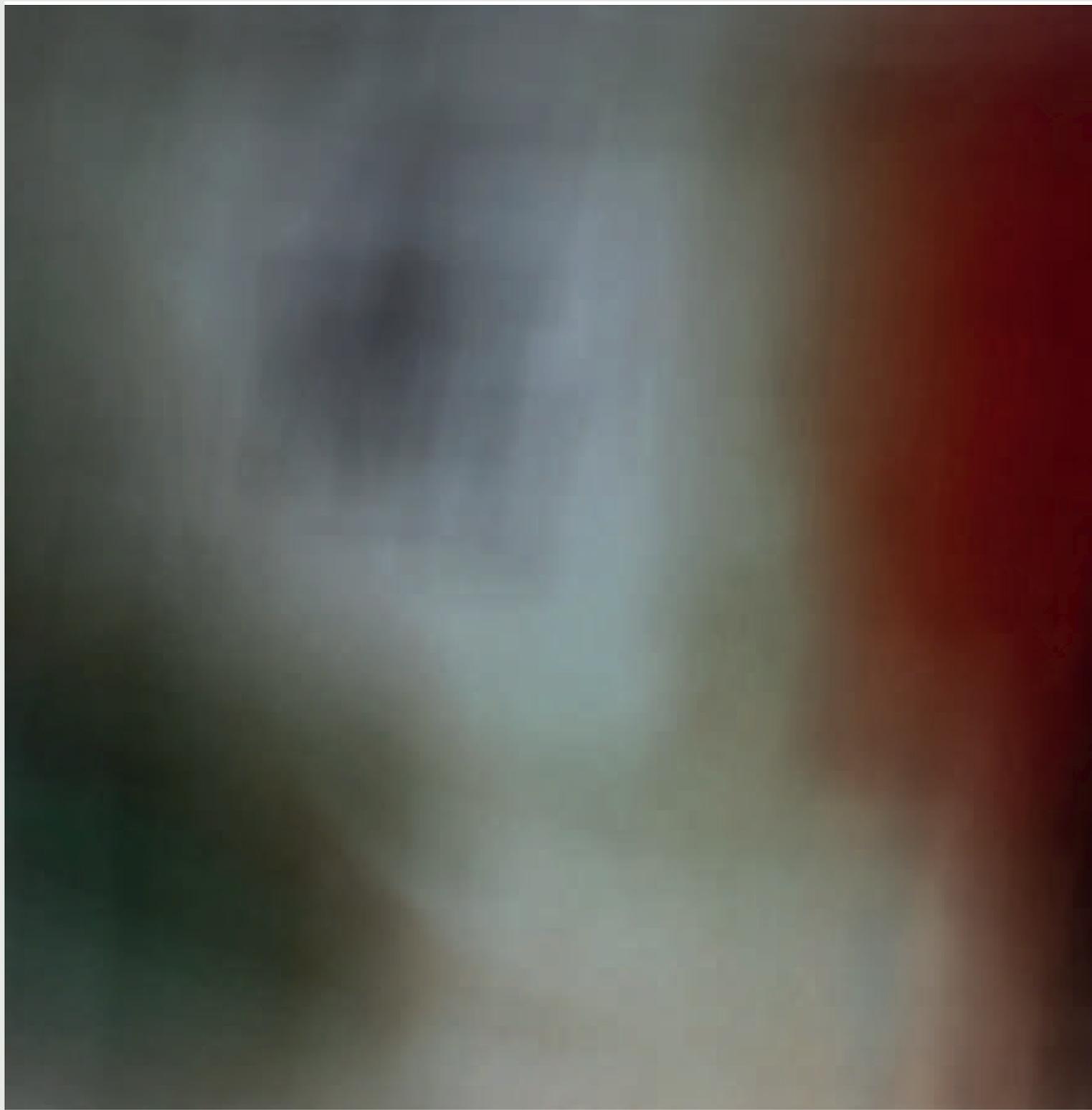
ISBN: 978-65-00-07390-4



An illustration featuring a hand holding a piece of paper with text. The background is a wooden surface with a blue box and a pencil. The text on the paper is as follows:

JUNTOS SOMOS MAIS.
E FAZEMOS MAIS TAMBÉM.
ESSA ZINE É UMA TENTATIVA (E
TAMBÉM ESPERANÇA) DE REUNIR NUM ESPAÇO
UM POUQUINHO DA ARTE DE CADA UM, QUE
ALÉM DE SER INCRÍVEL POR SI SÓ, POTENCIALI-
ZA-SE DO LADO DA ARTE DO OUTRO.
UMA UNIÃO QUE GERA PRODUÇÃO, QUE GERA
CONVERSA, QUE GERA MAIS ARTE.
ESPERAMOS QUE VOCÊ GOSTE E SE AFETE POR
TANTO TEXTO E IMAGEM BONITA QUE A GENTE
REUNIU POR AQUI. QUEM SABE DA PRÓXIMA VEZ
VOCÊ TAMBÉM NOS MANDE ALGUMA COISA?

O CONVITE ESTÁ FEITO!



Marcando um retorno às fotografias experimentais de longa exposição nesse período de quarentena, “a Índia”, como foi intitulada, é uma releitura de um quadro indígena de textura sobre tela com detalhes artesanais em madeira. A obra citada foi uma das primeiras inspirações abstracionistas minhas. Utilizo da técnica de longa exposição, de forma que, com a câmera do celular, capturo as cores e as luzes do ambiente marcando, assim, a imagem como pinceladas sobre tela.

A ÍNDIA

por Pierre



O efeito em vídeo é utilizado para complementar a obra remetendo ao meu processo criativo e imaginando as tintas como vivas e fluidas, dando destaque ao forte vermelho do urucum. A interpretação é livre, mas captei na mente uma índia com cabelos pretos e longos próximo a um rio. E você, gostou? O que consegue ver?



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja a obra em movimento.

IT'S OKAY

I'm okay,

I

don't

cry.

But sometimes I wake up all wet and I could swear it smells like tears, as if they were coming out of my pores because I don't cry, I'm okay. I know sufferings, and that's how I know I'm alright. When you suffer, you cry. You search for a tissue to dry your tears, but you soon realise you can't even walk anymore — all your body can do is crying. You try desperately to focus on your fingers, but you feel like you've lost them; you stand, crying.

Eventually you learn to get in terms with your inability to move, because you don't have to. You don't eat. You don't go for a walk. Most of the time, you don't speak to anyone, so you start losing sense of your own voice — and when you finally hear it again, it doesn't feel like it's yours. Trying to convince you that this is your own voice, and not someone else's, doesn't change the fact that you don't recognize it, so you wonder: is it my ears or my mouth? Should I cut off my tongue or should I put a knife through my ears and paint the walls with my brains?

But this is not me anymore.

I'm okay,

I don't cry.

Me, I have friends and I speak to my family every day. Sometimes, when I'm lucky enough, I even get to see my cat. I recognize my voice, my fingers; and even when I vomit, I know it's my own puke. Yesterday, I went out with my friend Art, who I haven't seen for a while. He wants to fuck me. He asked me if I was still drinking way more coffee than I should and I said I didn't know, to what someone replied: "She's a fucking psycho. I don't think she even realises how much coffee she drinks. I think she erases those memories from her brain to protect her addiction". I don't think my brain would ever protect me like this.

They keep asking me why my hands are shaking everywhere I go, I say it must be the coffee. I'm not sure. It might be the pills, but if I verbalize it, I risk starting a weird conversation. Not because it bothers me — I told you I don't cry. But it's like my brain enters a hybrid state where

I'm okay, I don't cry,

I feel no suffering at all; but at the same time my words are not mine, I can't recognize my voice anymore, and if you punch me in the face I won't feel anything.

She only comes when I'm alone and vulnerable. I'd seen her many times, in many ways, in my head. I remember she once drove in a bathtub, singing poetry. She grew inside me, I grew inside her; I was real, she was not — until the day she was, finally. She appeared to me exactly as she was supposed to: walking down the road, suspicious, gently smoking. She looked at me as she felt nothing at all — I almost screamed "me neither".

Since then, we started hanging out until they locked me up. Big blanks and bad memories. Nothing serious, I was just looking for some amphetamines at the time for medical reasons. When I was suffering, I got started on tricyclic antidepressants. I needed them, though my mother thought they were drugging to eventually burn my brains without a warning. They prescribe it when you're suffering a lot. In about a month, you're supposed to stop suffering. I remember I used to sleep 16h a day while I was on clomipramine, but I felt no suffering at all. Eventually, I thought I'd do some amphetamines so I could live instead of killing time, I went to a psychiatric hospital and asked for it.

Next thing I know, they locked me up.

At the hospital I had no drugs, I had no music, I had no thoughts or opinions. I felt less than human — big blanks and bad memories. But the worst thing was not having her. One day they'd changed my medication and I puked for hours, always feeling like my puke wasn't really mine. I got bruises because they held my arms so hard I almost thought we were in love. Down on my knees and stinking, I looked at the nurses and heard her voice saying, "learn to love solitude".

She always comes when I'm alone and vulnerable; this time I thought it was a goodbye. But something changed earlier today, and I want to understand what. I woke up and took my pills, lighted up and cigarette as I always do when I wake up — and there she was again. In her hands, my diary all wet, like me. Maybe it was wet in tears too. Maybe I cried all over my work. I lost everything, and I felt nothing.

When we first met, I was constantly asking her why — and she was constantly asking me why back. Why are you here? Why is that important? Why do you think you can understand the whole nature of our existence? Why bother? I secretly think she doesn't know the answer to my questions. But as for her existence, we all agree she's there — we just don't know why.

What makes her less real than you? She's a 24-year-old girl who knows too much but talks too little. She's myope, she likes staring at the sea. She feels too much, so she expresses her feelings through many ways to avoid exploding. She has a pretty accent and she talks mysteriously. You can't see her, but she can see all of us. She always comes when I'm alone and vulnerable,

At this point I know there's someone living in my head, I'm aware of their existence — the first stage is always knowing there's something wrong, deep down; then you'd give up anything in the world to have some piece of certain information about whatsoever. Next, you hate yourself, but at the same time you accept you're not just you. You're not alone and you could never be, even in your deepest loneliness. Trying to reach to it is pointless — it is nowhere to be reached. There's no reaching, it'll come to you. The pressure, as usual, sucks away your soul. Instead, you must let yourself feel. It takes an ocean to feel it instead of just trying to understand it. Understanding is simple, feeling is not.

Maria

POT-POURRI



Art: Anna Kóvecses

Minha terapeuta me instruiu a escrever o livro das preocupações. É assim: coloca-se uma moeda no jarro, e escreve-se no papel sobre o que anda me atormentando no momento. Não costumo dar muita bola para o que diz minha terapeuta, verdade seja dita, como aqui ela não pode ler tenho a liberdade de confessar que a pago para ouvir o que digo, quando ela começa a falar já quero que pare porque detesto quem fala da minha vida. Mas por hábito continuo indo às sessões, gosto do cheiro que emana do seu pot-pourri na bancada do consultório, quando passo pelo portão/garagem me sirvo dos girassóis da entrada e do suco de polpa super sem açúcar que a recepcionista serve; me sinto bem recebida, logo eu que não sei bem receber. Escrevendo agora à mão percebo quanto tempo já me faz que não seguro um lápis ou uma caneta que seja; o próprio papel me parece tão espesso e tão... dobrável. Faria um pequeno origami se soubesse fazer um.

O livro das preocupações é um caderno que comprei na boutique da praia à caminho de casa. Também me comprei duas canetas, um conjunto de lápis Faber-Castell, um apontador, duas borrachas, uma verde e uma branca, porque peguei primeiro a verde mas no caixa não aprovei sua consistência. Fiquei com vergonha de pedir pra moça tirar, e

peguei uma branca. Também levei um trident, que é uma goma de mascar que me tira a vontade de fumar que dá uns arrepios vez ou outra.

Eu já provei todos os sabores de trident. Que eu encontro, isto é. Ainda faltam muitos tridents que não sei onde comprar mais. Talvez possa comprar uma caixa e ir comendo com o tempo, e o livro das preocupações vira também um ranking dos melhores sabores de trident. Engraçado como eles colocam gostos diferentes no mesmo tablet. Curioso, não é mesmo? Açúcares diferentes? Feitos com genética? Depois vou dar um google. Como eles fazem açúcares diferentes pro trident.

Moro com outras duas mulheres e isto é bom. Ou era. Elas voltaram para casa no início da pandemia e me deixaram aqui sozinha. Disse-lhes que era bobagem, que com gripe ou não a vida continua, mas elas só saíram pela porta com as malas, deram beijinhos e agradeceram tudo. Não vão voltar tão cedo. Mandeí uma mensagem ontem mesmo, dizendo que tudo já está reabrindo por aqui, pode-se até tomar um banho de mar sem ter que olhar se vem policiais, as boutiques, farmácias, restaurantes, terapeutas todas reabriram. Mas nenhuma deu bola. Não estão tendo aulas mesmo.

Eu invejo essas garotas, de certa maneira. Tão jovens, estudam tanto. Na idade delas eu não sentia a mínima vontade de estudar; as duas vivem com as cabecinhas entre os livros. E não são obcecadas. Vão para festas, vez ou outra trazem rapazes. No fundo no fundo, eu achei que valeria a pena estar por aqui mesmo com a universidade fechada. Poderíamos jogar mais daqueles jogos de tabuleiro que elas têm, às vezes compro chás e biscoitos para vermos séries juntas. Tanta coisa acontece nessas séries, é um barato, não sinto falta de ver novela. Eu via muita novela na idade delas. Acho que as novelas evoluíram para as séries.

Eu poderia escrever um livro só falando das vezes com essas meninas, mas vou poupar leitor e diário do esforço. Mas uma coisa que me incomoda é que elas comem muita

porcaria. Céus, como gostam de trazer besteira pra dentro de casa! Os rapazes eu entendo, tudo bem, um feinho de vez em quando eu acho que é até saudável. Mas no meio da semana, quarta, quinta, eu atendo o interfone e me vem um moço entregar uma caixa enorme de sanduíches. E que parecem ter sido esmagados na viagem, coitados! Já são feitos com o mal, se tornam ainda piores vindo aqui. Mal se pode reconhecer do que são feitos. Eu perguntei Renata, o que tem nisso aí? Aí ela diz, limpando o lábio inferior, ah, tem cebola, alface, carne... essa coisinha aqui em cima, como é o nome? Gergelim, Renata. Sabia, Renata, que o gergelim tem muita fibra? Dá pra fazer um doce de gergelim que fica uma delícia, sabia? Bem melhor que essa bomba calórica aí. E a Renata fica, anham, anham. E me oferece um potão de batata-frita. Eu nem sei com qual óleo eles fritaram esse mondrongo. Sabia, Renata. Que dá pra cozinhar com óleo de gergelim? Super saudável.

Ofereci um desconto enorme pras duas voltarem nesses meses de setembro, outubro. Elas sabem que é próximo do meu aniversário. Elas agradeceram, disseram que não dava, só quando as aulas voltassem. Amanda me mandou uma foto do cachorrinho dela brincando de bola. São umas fofas, essas meninas. E tão estudiosas, já disse.

A minha preocupação de hoje, para inaugurar o diário, é que estava eu na praia, pegando meu bronze de todo dia, lendo meu novo romance, sentada na minha cadeira, enfim. E chega um menino de Deus sabe aonde, um horror, todo serelepe pulando e chutando areia por tudo que é lado. E eu só observando debaixo dos óculos, tentando me concentrar. E ele continua pulando, chutando essa bola, a coisa mais chata. Tem gente pra tudo, né? Um horror. E aí eu digo, gente. E esse menino olha pra mim. Ah! Esqueci o mais importante. O pirralho, de máscara. Você já viu um desses, uma criança de máscara? É tão engraçado, que coisa pitoresca, tem gente pra tudo... E eu na praia, sentadinha, na minha santa paz. E vem esse menino.

Aí ele vem falar comigo, segurando a bendita bola.

“Tia, não vai usar máscara não?” e eu

“oi, queridinho, eu tô na praia, tá bom? Tô lendo meu romance novo, tô legal. Não preciso de máscara no mar, tá bem?”

“Tia, vai pegar corona e passar pros outros”

“A tia não tem corona, tá, meu queridinho? Vem cá, cadê seus pais, hein? Vai brincar de bola com eles, tá? A tia tá ocupada”

“Mas tia, as chances de contágio pra quem não usa máscara são 60% maiores do que quem usa toda vez que sai”

Eu fecho meu livro e meu sorriso. Foi como se o sol tivesse desligado.

“Vem cá, você é uma calculadora, é? Você é um cientista social? Cadê seu título em medicina? Vai zanzar pra lá, menino chato, me deixa em paz.”

Você acredita? Eu fui super educada, eduquei o menino a respeitar os mais velhos e as mulheres, não sequer levantei a mão pro fedelho. Não é que o menino chegou perto, mordeu minha mão e saiu correndo, espalhando areia no meu vestido todinho?

Eu fiquei fula!!! Nossa, como eu fiquei, virei uma fera. Soltei um berro,

a h r

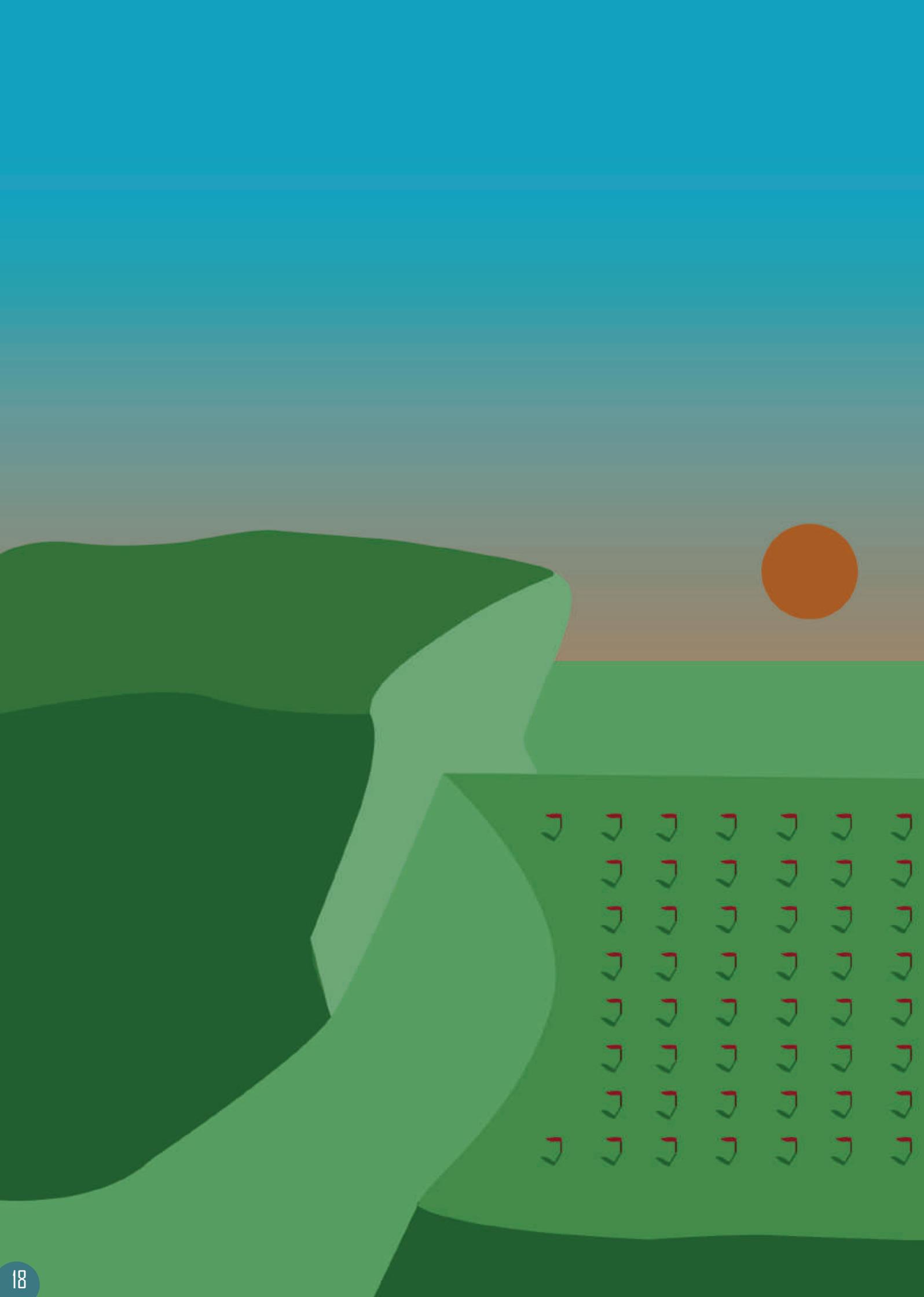


h n

e o menino devia ser órfão porque eu passei HORAS atrás dele ou dos pais dele e nada de nada. Tá, não foram horas. Foi um tempo. Grande. Voltei pra casa e coloquei o vestido pra lavar, tomei um belo de um banho, acabou meu dia. E cá estou eu, com a mão enfaixada, com a marca dos dentes afiados da criatura ainda pulsando. Achei que criança não tinha dente, da idade dele eu achei que os dentes estavam para nascer ainda. Que diabinho!

Minha mãe vem me visitar na segunda. E eu aqui aplicando gelol, o calor de 32 graus e eu de luva, o que vou inventar pra minha mãe? Detesto quem fala de mim. Vou parar de escrever por agora, as meninas me escrevem pelo celular. Amanda disse que é o meu “inferno astral”. Vou ter que dar um google. Se houver um inferno astral, estou certa de que esse pirralho vai direto pra ele!

Levis



O que é preciso para voar

Esse ponto é conhecido, afinal as birutas não estão ali por acaso. As poucas folhas que ainda circulam pelo planalto são objeto de estudo para os que não tem experiência. É preciso perceber como o vento age sobre elas e buscar por um padrão no instável. A instabilidade ajuda no fascínio e na aventura. Um conjunto de fatores é decisivo para um voo bem aproveitado. Primeiro a pessoa que irá voar deve estar treinada para acompanhar o vento. Em segundo é preciso deduzir a rota dele enquanto acelera. Observar por 30 minutos a malha ortogonal é crucial para quem quer voar. Há pessoas que costumam ficar por 2 horas estudando o incerto. Há outros que ficam treinando o pouso por horas a fio. Existe os que estão só para observar, ainda receosos demais para tentar. E há essa pessoa que está decidida a voar hoje pela primeira vez. Essa decisão aconteceu depois de uns colegas de trabalho comentarem que ela não é espontânea e que em um mundo onde é comum voar, ela escolheu viver a sua vida como uma galinha de fazenda. No caso, uma galinha de fazenda tem tudo para sair e viver suas próprias aventuras, mas está acomodada demais para correr riscos. Tudo que faz, diariamente, é acordar para comer e dar uma passeada, pôr algum ovo e voltar para o aconchego durante a noite. Às vezes algumas dão pequenos saltos para subir nas árvores das proximidades ou no telhado do seu canto, mas nunca sobem alto demais ou em telhados desconhecidos por ter medo do voo da volta. Ser comparada à uma galinha de fazenda a fez agir por impulso, e lá estava ela recebendo instruções e dicas. Insistiram que não era uma boa ideia voar logo no primeiro dia que estuda o vento, mas ninguém conseguiu fazer a pessoa desistir do voo. O dia de folga já tinha sido usado, não poderia ser em vão. A aconselharam a participar, na lateral, dos testes de percurso antes do voo definitivo e não perder o foco na hora decisiva; é preciso fazer um pouso decente. Alguns testes depois achou que era a sua hora. Após ver outra pessoa voar, começou sua caminhada para adentrar na malha. A cada passo que dava em direção ao centro, sentia a pressão do vento aumentar em seu corpo. Era possível sentir também o coração batendo, como se ele estivesse mais forte, em um

grande apelo pela desistência. Chegado no meio, virou-se para o planalto e inspirou fundo.

Em alguns instantes a pressão sumiu e o vento cessou. Posicionou os óculos no rosto, expirou fundo e devagar. À distância viu o próximo turno de ventos começar a chegar. Estava vendo de perto o famoso balé das birutas. Não tinha tempo para calcular a velocidade; estava se aproximando rápido demais. Percebeu algumas oscilações curvas mas parecia que o vento tinha escolhido o seu rumo, e era justamente no sentido dela. Ao longe e abafado ouviu as pessoas gritando “vira!” repetidamente e aceitou que agora era tarde demais para desistir. Virou-se e começou sua corrida. À princípio as pernas pareciam pesadas e moles demais, mas depois de duas passadas recuperou-se e seguiu firme. Em poucos segundos o vento lhe alcançou com toda aquela pressão sentida antes, ajudando-a a ganhar mais velocidade. Na sua frente, via os trampolins inclinados se aproximarem e em cima deles uma bela paisagem. O seu coração estava para sair pela boca e a sua mente em uma confusão de desespero e adrenalina. Apenas mais três, dois e o passo final no trampolim. Inclinou-se como orientado, e em um belo mergulho no ar estava voando com um imenso frio na barriga. Fechou os olhos, abriu os olhos e fechou novamente. Queria gritar mas nada sairia. Por fim abriu os olhos, precisava deles atentos. Sentiu-se como nunca tinha se sentido antes, afinal isso tudo era quase um delirante suicídio. O som do vento era alto e confuso, e quase não podia escutar seus próprios pensamentos - ou eram tantos ao mesmo tempo que não conseguia focar em um só. O percurso é muito rápido, apreciar a paisagem é quase impossível. O propósito do voo é outro. Mais alguns segundos e chegaria na área do pouso. Começou a se questionar se ainda saberia colocar em prática o que aprendeu para não se machucar - ou morrer. Se morresse neste pouso jamais iria se perdoar, pois agora que aprendeu como voar não iria mais se contentar com pequenos saltos.

Jaci



BOM DIA

Mais um dia, mais uma aventura... Era o que ele pensava sempre assim que a névoa de sono deixava a sua mente. Não que realmente houvessem grandes aventuras, mas para alguém como ele até o simples fato de dar uma volta no jardim já era motivo de euforia; todos os dias se levantava tendo em mente essa ânsia de se aventurar, buscar novas experiências, sair daquela rotina que parecia o sufocar e que carecia de sentido. Mas nem sempre foi assim.

Se o perguntassem desde quando e como surgiu esse desejo de querer mais da vida, ele não saberia dizer, e é claro que ninguém perguntaria. Todas as perguntas que o faziam eram retóricas, e mais de uma vez ele tentara retrucar, o que só gerou risadas. O que se sabe é que a cada dia tomava mais consciência do mundo ao seu redor, ao ponto de agora querer saber o que existem além daquela casa e daquele jardim.

Seu dia não era grande coisa e nem poderia ser. Na maior parte do tempo ficava com o outro bebê, assistindo à tv e ouvindo músicas. Era bastante divertido, além disso era extremamente bem tratado por todos, mas há um tempo isso deixou de ser suficiente; portanto começou a passear pelos cômodos, procurando algo que pudesse dar uma pista do que poderia acontecer além dos muros do seu lar.

Numa dessas visitas sorrateiras presenciou algo que o afetou profundamente. É claro que ele sabia que não era como os outros com quem vivia, é claro que tinha consciência da própria imagem. Nunca vira um semelhante, exceto a representação pouco verossímil em um dos vídeos que o bebê assistia incansavelmente. Até aquele dia.

Os outros estavam assistindo a algum programa, e numa cena viu que havia alguém igual a ele. Era consideravelmente maior e estava com uma cor muito estranha, mas com certeza era igual a ele. Pensou em se aproximar, mas à medida que era mostrada a imagem mais ampla, percebeu que ele estava morto. As pessoas na televisão sorriam e conversavam normalmente enquanto tiravam pedaços daquele corpo sem vida.

O pânico tomou conta de si, e a única reação que teve foi sair dali o mais rápido que podia. Depois daquilo passou vários dias em introspecção, tentando entender o que aquilo significava. Por que faziam aquilo? Era por isso que nunca havia visto alguém como ele? Foi o que aconteceu com todos?

Os outros perceberam a mudança no comportamento, mas não faziam ideia do que se tratava. Não é como se fosse possível haver comunicação de todo jeito. Sempre que se expressava recebia reações que não compreendia. Risadas, reclamações ou simplesmente indiferença completa. Sempre pensou que isso acontecia por ser muito pequeno, ou por não usar roupas, não andar sobre dois pés. Era o mesmo tratamento com o outro bebê, mas com o passar do tempo, à medida que aprendia mais e adquiria mais consciência, percebeu que com o bebê as coisas mudaram, mas não consigo.

Com isso todas as peças começaram a se encaixar. Suas lembranças confusas, de tempos em que sua mente funcionava diferente; o modo como era tratado, incapaz de ser ouvido, o simples fato de ser como era. Com a imagem ainda forte na sua mente, vasculhou a memória procurando algo que indicasse qualquer relação com aquilo que vira. Foi então que percebeu: a comida.

No tempo em que se recusou a comer o que lhe serviam, percebeu sua mente ficando mais fraca. Em alguns momentos se desligava de sua consciência, e voltava a ser só o bichinho de estimação dos outros moradores. Foi assim que entendeu tudo, percebeu que se encontrava diante de um dilema impossível. **Consciência ou ignorância.** As duas opções pareciam impossíveis, e independente do que decidisse, lhe custaria muitíssimo.

Plutão

BOM • DIA BOM DIA BOM
BOM DIA BOM
BOM DIA BOM

DIA BOM DIA BOM • DIA
DIA BOM DIA
DIA BOM DIA

BOM • DIA BOM DIA BOM
BOM DIA BOM
BOM DIA BOM

DIA BOM DIA BOM • DIA
DIA BOM DIA
DIA BOM DIA

BOM • DIA BOM DIA BOM
BOM DIA BOM
BOM DIA BOM

DIA BOM DIA BOM • DIA
DIA BOM DIA
DIA BOM DIA

BOM • DIA BOM DIA BOM
BOM DIA BOM
BOM DIA BOM

DIA BOM DIA BOM • DIA
DIA BOM DIA
DIA BOM DIA

Tendo a lua em meio a melancolia
de folhas maltratadas ao anoitecer
Mudo como ela, sofro admirando-a
Admiro a transformação
Transformo-me ao redor de dúvidas
Chega a solidão.

“ Eu realmente sempre gostei de fotografar a lua e ficar lhe olhando em diversas ocasiões e momentos da minha vida. Ainda sigo tentando compreender um pouco desta identificação. Talvez esteja sim ligado à algo tão melancólico quanto esta legenda; mas sigo me expressando e sentindo com este hobby peculiar. ”

17:25

por Debs



MORTE M

Vindo lá de longe, na longa estrada de terra seca e fina, sob o sol do fim do descanso do almoço, podia-se avistar das calçadas da cidadezinha de C. um redemoinho de areia cuspiendo cascalho e maltratando os pés de caju na beira da pista. Dentro dele, a lataria brilhava negra, absorvendo luz e convertendo-a em um ronco furioso, uma tosse crônica. São sete minutos da placa de boas vindas até a porta de Dona Mirtes, que pastora o gato dormindo na sombra do jambeiro. Sentada em uma cadeira de plástico, ela estreita a vista quando o carro já próximo desacelera, mas não evita trazer consigo a sua nuvem de poeira. O gato passa pela soleira em direção ao barulho da chaleira apitando na cozinha. Alguém desliga o fogo. O vento sopra devagar e, tendo o solo acalmado, sai da caminhonete uma mulher vestida de azul-marinho, colete preto e óculos escuros. Usava botas e trazia o cabelo num coque, a cabeça protegida por um chapéu também azul. D. Mirtes espera que ela a perceba e, quando a mulher o faz, recebe um sorriso e um aceno. Aproxima-se.

– A senhora não faz a sesta?

– Ô, minha filha, o estômago não deixa. E o seu?

– Também é cheio das vontades – a mulher sorri –

MATADA

Boa tarde. A senhora já deve imaginar porque estou aqui.

– Apesar de sentar na calçada o dia todo, o faço principalmente por tédio, minha filha. Meus olhos já estão gastos. Não a conheço, não é mesmo? Qual o seu nome?

– Polic... – começou, mas foi interrompida por um grito.

– Passa! – e o gato volta correndo do interior da casa. Logo atrás dele vem um homem de barba e bigode volumosos, de cor castanha e manchas cinza. Saído da porta da frente, ele carrega longe do corpo uma rede enrolada.

Dela, estão suspensas as curvas das cordas e o punho de metal que as une arrasta no chão. Ele hesita quando vê a desconhecida, esquece por um momento o que ia dizer, mas rapidamente recobra o objetivo da sua aparição:

– Dona Mirtes, Neide mandou perguntar onde fica o balde, pra botar de molho a rede do Riquelme – faz uma careta e espera a resposta da velha.

– Debaixo do tanque dos fundos, meu filho – ele se retira dando um “Boa tarde” tímido e ainda uma última olhadela.

– Policial – tenta ver melhor o carro de polícia –, não me entenda mal, mas a sua visita me preocupa.

– Eu também me preocupo, Dona Mirtes. Foi por isso que vim. Ontem à noite recebemos por telefone na estação de S. notícia de uma jura de morte aqui em C.. O que a senhora pode me dizer disso?

– Que horror, minha filha. Bom, Policial. Bem, Detetive – seus olhos estão fixos nos de sua interlocutora – Estou ouvindo disso agora.

– E não ouviu falar de nada estranho?

– Estranho como?

– Estranho como uma tentativa de assassinato.

Ela dá de ombros como quem se desculpa.

– E a família da senhora?

– No cemitério ou em S., P., não sei.

– E quem cuida da casa...?

– Agora, a menina da Rita e o marido, que você viu agorinha.

– Bom, se a senhora ouvir qualquer coisa estranha, agradeço se me avisar. Quem mais pode me ajudar? E outra coisa não menos importante: Já já anoitece e preciso é encontrar um lugar pra passar a noite.

– Não tem mais pousada aqui, mas você pode ficar na casa da Enfermeira, que é solteira.

– É só chegar? Ela não vai achar ruim?

– Que é isso! Ela se orgulha de ajudar o próximo.

Boa moça.

Dessa vez aparece atrás da velha outra senhora,

mais jovem nos seus quarenta anos, assim como o homem da rede. Neide para na soleira, meio escondida atrás do vão da porta escancarada, espiando a policial e o carro enquanto diz meio distraída:

– Dona Mirtes, quer um cafezinho? Acabei de passar – desloca o olhar para dona da casa – Posso já ralar um coco também se a visita for se demorar e quiser uma tapiocaquinha.

– Já entro, Neidinha. A Detetive aqui tem muito trabalho a fazer, eu imagino. Vou só passar o endereço da Enfermeira e chamo.

– Mas oh bem-vinda a C., Detetive. Menina, bem que eu ouvi um barulho de freio nesse instante! Você fica quanto tempo?

– No máximo até amanhã à tarde.

– Tão rápido! Mas então não vai ter tempo de tomar um banho de açude?

– Eu deveria?

– Oxe, é o maior ponto turístico da cidade né. Quase fora dela. Mas a casa da Enfermeira é ~~mais aqui~~ pro centro. Por aquelas bandas fica o sítio do Francisco. Uns quarenta minutos a pé.

– E lá tem armador ou cama sobrando? Caso eu decida abandonar o caso e tirar umas férias relâmpago.

– Olha, a filha deles foi ano passado estudar na capital.

– Bom, de fato tenho muito o que fazer ainda. Quem sabe numa próxima. Amanhã vou precisar falar com algumas pessoas aqui na cidade.

– De todo modo, nessa época não é muito bo...

– Ninguém nunca passa por aqui e minha filha veio tão rápido, de tão longe, de S.! Pra passar tão pouco tempo ainda! Deve ter sido um telefonema grave mesmo

– D. Mirtes intervém.

– É, assassinato é grave.

→ – E o que ele dizia? – pergunta D. Neide.

– O telefonema? A voz da pessoa era aguda, alterada... não foi possível identificar o gênero do denunciante. Apesar da ligação confusa, a secretária entendeu que se tratava da denúncia de uma jura.

– Confusa?

– Talvez a pessoa estivesse sob efeito de alguma coisa...

– Minha filha veio atrás de um trote então, só pode. Deve ser boa moça também pra vir assim correndo por pouco... Porque a senhora veio correndo que levantou poeira – os olhos de D. Mirtes podem não ser afiados, mas até ela notaria o drama da chegada.

– De S.! Eita, pois é chão viu. – D. Neide se espanta.

A Detetive contorce desconfortável o canto da boca porque veio fugida. O perigo, não obstante, residia

em um encontro derradeiro e desmarcado em cima da hora em nome do trabalho. A viagem de volta, no entanto, esperava na tarde seguinte, à espreita dos olhos que ganham sombras no pôr do sol da estrada e encontram calma esclarecida no nada dos faróis apagados à noite. Não há nada a fazer a não ser sentar e dirigir; a distância entre isto e aquilo guarda em si certa serenidade impotente. Dá-se a partida, a mão puxa a marcha para trás – o limite no vanguardismo da fuga –, o pé solta a embreagem, as bocas dos pneus cantam antes de deixar o chão, ganhar velocidade e perdê-la de repente. O peso que vai no freio é o reflexo – por isso tardio – de alguém que viu algo com forma de gente no meio do asfalto, quis desviar e capotou o carro. No fim, vira-se mais uma alma penada assombrando os túmulos disfarçados de igrejinhas pálidas na borda da BR. No sol, miragens das ondas de calor que tornam o caminho sinuoso em plena luz do dia; sob a lua, a clareza cega do silêncio e o esquecimento. Até que se avistam as constelações de novo.

– Pois então... alguém precisava vir. A senhora... E a senhora, Dona Neide, se mudou há pouco tempo?

– Oh, sim.

Ela pareceu querer dizer mais. Era uma mulher curiosa e afeita ao falatório, isto é, uma fofoqueira. Na presença da velha, entretanto, lembrava com mais facili-

dade que os lábios cerrados remediavam desastres. Ambas observavam a policial e sorriam quase convincentes não fosse por um hábito que, pela repetição na duração curta da prosa, surgia numa batalha interna constante entre o impulso e o interdito. São desses gestos que acontecem uma, duas vezes, e passam despercebidos, mas quando multiplicados evidenciam um padrão do qual resta imaginar motivo - tique?. Antes, no meio ou no fim de uma frase os lábios separavam, a mandíbula descia, ar era sugado e acabava preso quando, uma fração de segundo depois, os dentes apertavam na boca fechada, triturando vento e palavra. O som do fôlego na pré-existência e morte do verbo. Abria-se para o mundo o palato só para que descesse fácil pelo túnel da garganta o segredo inventado entre pensamento e ação. Nessa negação do ato, o hálito de D. Mirtes e D. Neide sofria a censura do silêncio da rua. A voz da Detetive também ecoava deslocada como se fosse menino que passa gritando na frente da casa dos outros em hora de dormir.

De uma vez veio o estranhamento da presença avulsa naquele lugar. Todos os olhos, até os que não estavam à mostra, eram esbugalhados de atenção, os beijos descansavam pesados uns nos outros e os ouvidos, ela sabia, eram fatalmente acurados. Não se gastava palavra à toa. Nas calçadas não havia viva alma e a única porta aberta era a que o gato atravessou correndo para esconder-se no

alto da árvore, cujo tronco inerte ficou arranhado pelas unhas impacientes. Porém, assim como por trás da interdição há vontade, no interior das construções de fachadas idênticas era possível sentir o arrastar vagaroso de móveis, o tilintar de louça e talvez sussurros e roncões. Ali tinha gente entocada (para digerir a mistura) e a qualquer momento, a Detetive sentia, podiam quebrar as portas e janelas segurando cabos de vassoura e gritando “Isso é hora?! Xispa!”. Detrás das paredes siamesas deviam existir quintais secretos compartilhados nos quais crianças são embaladas em redes enquanto os adultos sentam em círculo e falam baixinho dos assuntos de gente grande. Sobre eles, pés de manga e mamão. Papagaio não existe.

Neide se despede e volta para a cozinha. Mirtes, em tom de conclusão:

– Bom, a casa da Enfermeira é aquela amarelinha ali no fim da rua. Pode dizer que eu que indiquei. Gostaria de caminhar com a senhorita até lá, mas já já começa o terço no rádio e preciso dessa xícara de café. Vá pela sombra, minha filha. Espero que tenha sido mesmo só um trote.

Ela faz que vai dizer algo mais e se cala.

– Então... boa tarde pra senhora, Dona Mirtes. Obrigada. Até breve.

Naquela hora do dia a rua inteira ficava coberta de sombras por conta do prédio da prefeitura, do bloco alto do cartório e do hospital lado a lado na via paralela. No batente da casa da Enfermeira estava traçada uma linha branca recente e elevada. Sal grosso. Sentada no sofá da sala com as mãos no colo, a jovem estava ainda de cabelos molhados, recém-penteados, partidos no meio da cabeça perfumada. De pés juntos, calçados por sapatilhas e meias finas amarronzadas, permanecia de postura ereta, o que destacava o pescoço alvo adornado pela gola rendada do jaleco limpo. A canela esquerda tremia um pouco e ela ensaiava “Boa tarde? O que deseja? Oh, a Dona Mirtes, foi? Pode entrar, pode entrar. Aceita um pedacinho de bolo mole? Não sei de... sei disso não, Detetive. Pois bem, vá pela sombra!”. Tinha visto da fresta da janela as mulheres conversando do lado oposto da rua. Agora era a sua parte e ela a realizaria de maneira exemplar, como de praxe. Não contava, no entanto, com a permanência da forasteira noite adentro e apesar disso reagiu rápido quando a mulher contou dos planos. Não tinha entrave algum, ou seja, nada de pacientes no hospital.

Com o pires de vidro e o garfo em mãos, a Detetive comia o bolo sob a vigilância da Enfermeira, que assim se apresentou. A moradora respondeu que não sabia do acontecimento relatado, silenciou nos momen-

tos certos e desviou o quanto foi possível do assunto de modo calculado.

– A senhorita pode perguntar na cidade amanhã de manhã, mas duvido que alguém vá dizer qualquer coisa muito diferente do que eu falei. Aqui uma hora ou outra todo mundo fica sabendo de tudo.

– Imagino... De qualquer forma, não custa tentar.

– Ao trabalho então. Vem que vou mostrar o teu quarto. Era da minha mãe antes dela falecer há alguns anos. Foi assim que voltei formada. O banheiro é no corredor e a descarga é ruim, mas é só puxar com força a corrente que uma hora dá certo. Ó, aqui ficam as toalhas.

Depois do jantar, às 20h os habitantes de C. se recolhem em suas camas com medo. Dormem um sono profundo e acordam tremendo de madrugada com pesadelos. Suados sob os lençóis finos, mesmo com os ventiladores patrulhando o recinto, despertam para as batidas altas e gritos no sereno da noite. Ouve-se um uivo e sente-se um arrepio generalizado sacudindo dezenas de ombros travados.

*

e isto é tudo...

até o momento.

ei, tu!





Tem interesse em
participar do próximo
Na Toca?
Você pode enviar texto,
fotografia, ilustração,
poema, colagem ou o que
você produzir para
o e-mail
levisporto14@gmail.com.

Que você tenha tido
uma experiência boa
com a leitura desse
zine coletivo.

FONTES USADAS NESTA EDIÇÃO

BEBAS

ISOCP

DK LEMON YELLOW SUN

Agency FB

Myriad Variable Concept

Artifakt Element

ABSENDER

Abastina

ISOCPEUR

Times new roman

